

O MILHO NO BRASIL E O MERCADO MUNDIAL

Para melhor considerarmos a situação atual do milho em São Paulo, parece-nos oportuno fazermos um rápido esboço da situação internacional deste produto.

Vejamos portanto, a posição do milho no mercado mundial:

Posição Atual do Milho: Observemos inicialmente a produção mundial destes últimos anos. Tem ela sido a seguintes:

QUADRO I
PRODUÇÃO MUNDIAL DO MILHO

Área plantada		Produção	
Média anual do período	(1.000 Ha.)	Média anual do período	(1.000 t.)
1935/39	544.668	1935/39	120.650.000
Média anual do período		Média anual do período	
1940/44	538.416	1940/44	131.572.000
1948	528.556	1948	152.273.000
1949	535.550	1949	141.605.000
1950	526.878	1950	135.255.000
(^o) 1951	539.750	1951	141.077.000

Fonte: Foreign Crops and Markets. Number 16.- Vol. 62. USDA.
(^o) Agricultural Circular - USDA. October 29, 1951.

Verifica-se, assim, que a área plantada é hoje menor que no período de pré-guerra. Devido ao maior rendimento, a produção mundial apresenta um aumento de cerca de 12%, correspondendo aproximadamente ao aumento demográfico mundial. Disso se infere que não houve nenhuma melhoria no abastecimento mundial deste produto.

Aliás, a grande elevação dos preços do milho no mercado internacional, reflete em parte essa situação. Uma idéia dessa alta dos preços, pode ser obtida pelo seguinte cotejo: Em 1946, o preço médio por 60 quilos do milho argentino, foi de \$56,80 e o do norte americano \$ 85,10, enquanto que no ano passado, as últimas transações de que temos notícias foram feitas nas bases de \$ 122,00 e \$ 95,00 respectivamente.

Quanto à situação nos EE.UU. e na Argentina, que são os dois maiores produtores e exportadores mundiais, podemos resumí-la pelos seguintes quadros:

QUADRO II
MILHO NOS ESTADOS UNIDOS
(1.000 T.)

Anos Comerciais	SUPRIMENTO		Impor- tação	Total	Expor- tação	Consumo	Total
	Carry- over	Produção					
Média 1937/41	11.903	65.445	25	77.373	1.278	62.036	63.314
1947	7.255	60.557	18	67.830	173	64.472	64.645
1948	3.185	93.524	18	196.727	2.822	72.941	75.763
1949	20.964	85.842	18	106.824	2.710	82.255	84.965
1950	21.858	79.532	25	101.415	2.794	79.939	82.733
1951	18.898	78.535	25	97.458			

QUADRO III
MILHO NA ARGENTINA
(1.000 T.)

ANOS	Produção	Ano Civil	Exportação
Média 1934/35 e		Média	
1938/39	8.064.036	1934/39	6.526.000 (a)
1944/45	2.965.500	1945	571.800
1945/46	3.574.190	1946	2.200.000
1946/47	5.814.695	1947	2.366.100
1947/48	5.200.000	1948	2.533.700
1948/49	3.450.000	1949	1.063.200
1949/50	836.400	1950	793.600
1950/51	2.997.000		

Fonte: Ministério de Assuntos Técnicos de la Nación.
a) F.A.O. Monthly Bulletin- Vol. III, n° 8

Facilmente verifica-se pelo exame desses quadros que, enquanto os Estados Unidos aumentam substancialmente a sua já enorme produção e duplicam a exportação, a pujança da Argentina, nesse setor, esboroa-se verticalmente.

Embora não tenhamos dados completos referentes a 1951, temos indicação de que o volume exportado pela Argentina foi nesse ano, aproximadamente igual ao do Brasil. Note-se que no período 1934/38 a vizinha Republica costumava exportar cerca de 200 vezes mais que o nosso país.

Quanto ao Brasil sua produção vem acusando aumento infimo, muito aquém do que se faz preciso. Nossas exportações continuam irregulares, variando de ano para ano. Em 1951 assinalamos verdadeiro "record" no volume exportado, tendo saído só por Santos 250.751 toneladas. Tal fato se deve principalmente ao

aumento de produção ocorrido no Paraná, uma vez, que a produção paulista tem permanecido mais ou menos estável.

O quadro a seguir dá-nos uma idéia da situação em nosso país e nos Estados de São Paulo e Paraná

QUADRO IV
MILHO NO BRASIL E NOS ESTADOS DE SÃO PAULO E PARANÁ
(1.000 toneladas)

ANOS	BRASIL		SÃO PAULO		PARANÁ
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção
1944	5.574.742	553	1.138.557	-	790.553
1945	4.846.557	188	1.103.270	-	619.478
1946	5.721.372	123.016	1.598.040	99.668	772.511
1947	5.502.548	166.046	1.177.787	23.684	727.319
1948	5.607.477	110.961	1.081.558	9.900	730.854
1949	5.448.879	21	1.025.322	-	598.457
1950	6.161.643	11.698	1.226.815	13.965(7)	905.811
1951			1.075.488		

Fontes: Brasil-Produção: IBGE- Exportação SEEP (MF).
S.Paulo-Produção: SPSC- da Secretaria da Agricultura. Exportação: SEEP(MF)
Paraná-Produção: IBGE.

Do que até aqui foi exposto, parece-nos conveniente destacar as seguintes constatações: 1) - A produção mundial de milho é hoje, sensivelmente a mesma que no período de pré-guerra; 2) - a Argentina, que era tradicional e destacadamente, o maior exportador mundial, reduziu em mais de 2/3 o volume das exportações de milho; 3) - a oferta no mercado internacional é hoje inferior a de antes da guerra, pois a retração nas exportações argentinas não foi compensada pelo acréscimo das exportações norte americanas e de outros países; 4) - embora seja deficiente nossa organização econômica e técnica, da exploração do milho, a elevação dos preços no mercado internacional confere ao Brasil boas possibilidades de exportação.

Perspectivas para 1952: No presente ano, as características do mercado internacional do milho serão, provavelmente, bastante semelhantes as que vigoraram em 1951. Com efeito, apesar do transcurso favorável da safra argentina, a área ali plantada é pequena e a falta que essa nação tem feito ao mercado mundial, continuará a ser sentida. A produção da Europa, importante zona importadora, apresenta sensível aumento (cerca de 40%) sobre a pequena safra passada. Não obstante esse aumento, o volume a ser produzido será ainda inferior ao do período de pré-guerra (1). Quanto a safra norte-americana, e (1) a produção anual média da Europa, no período 1935/39, foi de 17.704.000 toneladas. De 1950 a produção caiu para 12.573.000 e agora espera-se 17.526.000 toneladas.

ela levemente inferior à passada, sendo esta alteração, pouco importante.

Dêsse modo, é bastante provável que os preços internacionais mantenham-se em altos níveis no próximo ano. Assim as possibilidades de exportação do Brasil serão mais ou menos semelhantes as que vigoraram em 1951 desde que, o volume produzido não seja inferior as necessidades do consumo, pois, neste caso, o preço interno tenderia a ultrapassar o preço internacional.

A Presente Situação em São Paulo: Superiores em mais do dobro, a qualquer outro ano da sua história, as exportações do milho pelo porto de Santos em 1951 contribuíram enormemente para a firmeza dos preços do produto. Essa influência se fez sentir também no aumento da área plantada para este ano. A ascensão dos preços foi-se acentuando gradualmente, atingindo em dezembro níveis elevadíssimos. Alias, as cotações do milho nestes tres últimos anos, em São Paulo, foram os seguintes:

QUADRO V
COTAÇÃO DO MILHO NO ESTADO DE SÃO PAULO
(Cr. \$ por saca de 60 Kg)

MÊSES	1949		1950		1951	
	Preço médio recebido p/ lavradores	Cotação do milho amarelado em São Paulo	Preço médio recebido p/ lavradores	Cotação do milho amarelado em São Paulo	Preço médio recebido p/ lavradores	Cotação do milho amarelado em S. Paulo
Jan eiro	91,50	94,61	86,90	90,62	65,50	81,39
fevereiro	91,30	92,04	75,90	77,89	66,10	76,28
março	89,10	97,04	68,50	64,64	66,60	84,23
abril	83,00	96,61	62,40	63,94	68,00	87,88
maio	80,90	96,25	54,70	59,10	67,50	84,28
junho	76,70	90,95	50,60	58,37	67,90	91,09
julho	73,60	83,66	49,60	57,64	70,40	88,80
agosto	72,30	82,42	53,40	62,80	70,60	90,48
setembro	74,60	86,92	55,40	64,47	73,40	90,92
outubro	79,00	89,48	58,30	73,02	78,30	98,59
novembro	86,20	96,69	61,60	73,00	88,30	106,31
dezembro	89,80	97,91	62,10	71,13	102,10	126,75

Em consequência dos altos preços e de certa escassez do produto nos grandes centros consumidores, surgiu a questão da proibição das exportações. Com a interdição das vendas ao exterior, visa-se a defesa da bolsa do consumidor e também a manutenção de um estoque suficiente para atender ao consumo.

Não há dúvida que, em certas circunstâncias, impõe-se a adoção de restrições à exportação, principalmente quando o volume a ser exportado é pequeno e o preço internacional é muito mais elevado que o preço interno. Neste caso, o preço interno do produto nivela-se ao preço de exportação e assim, a pequena parcela vendida ao exterior provocará prejuízos aos consumidores, que terão de pagar maior preço pela quase totalidade do milho.

Porém, quando tais restrições à exportação se refletem no volume das futuras safras, desestimulando os produtores pela vigência de preços não remuneradores e afetando também desse modo o consumo interno, pela redução no volume produzido, torna-se evidente que toda e qualquer restrição à exportação deve ser abolida.

Acresce ainda que, no momento, existem outras razões que se opõem a proibição da exportação desse cereal, como sejam:

- a)- Estando o preço interno do produto acima do preço internacional, a proibição das exportações não iria afetar as novas vendas ao exterior, as quais já se acham impossibilitadas por aquela discrepância nos preços;
- b)- a quantidade de milho existente, sobretudo no norte do Paraná, parece ser bastante para atender ao consumo até a entrada da nova safra, embora a preços altos;
- c)- a simples proibição não seria garantia suficiente para a queda dos preços no mercado interno, uma vez que é preciso considerar a eventualidade de especulações;
- d)- muito provavelmente, esta medida iria afetar fran-

talmente os preços da nova safra, causando enormes prejuízos aos produtores, os quais, estimulados pelos preços, já semearam área muito maior que a do ano passado;

- e) - uma das características da produção do milho em nosso país é que a maior parte do volume produzido é realizada pelos pequenos proprietários, meeiros, arrendatários e trabalhadores rurais. O fato de sofrerem eles, com frequência, prejuízos enormes com a queda dos preços no período das colheitas, e estarem mais ou menos afeitos a isso, não justifica, evidentemente, o estabelecimento de uma medida oficial que tende a colocá-los novamente nessa dolorosa situação.

NECESSIDADE MÍNIMA DE FARELO DE TRIGO PARA A AVICULTURA PAULISTA

A atual safra de trigo da Argentina não permitirá a essa Nação suprir grande parte de nossas necessidades, como vinha fazendo com certa regularidade. Não podendo contar com essa fonte, terá o Brasil de recorrer a outros países produtores, em busca das quantidades necessárias para atender ao seu consumo. Entretanto, uma questão se levanta com essa alternativa. Poderão, ou estarão de acordo os países produtores, em fornecer ao Brasil o cereal em grão, como vinha fazendo a Argentina?

Essa dúvida levará por certo, inúmeras e cabíveis apreensões às atividades criatórias, que dependem do farelo e farelinho como base de suas rações. Algumas dessas atividades poderão substituir o farelo do trigo por outros alimentos, sem dificuldades maiores do que a de incorrer num acréscimo do custo do arragoamento, uma vez que o farelo é dentre os alimentos, o de menor preço.

Já no caso da avicultura, as dificuldades são maiores.